



**FACULDADE SOBRESP**

**O impacto do isolamento social em crianças em idade escolar**

Mateus Bonesso Rodrigues

Trabalho de conclusão de curso I apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde - SOBRESP - como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo(a)

Sob a orientação do Prof. Lucas Lüdtke

Faculdade de Ciências da Saúde - SOBRESP

Curso de Psicologia

Santa Maria, julho, 2022

**Mateus Bonesso Rodrigues**

**O impacto do isolamento em crianças em idade escolar**

Trabalho de conclusão de curso I apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde - SOBRESP - como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo  
Orientador: Prof. Lucas Lüdtke

Faculdade de Ciências da Saúde - SOBRESP

Curso de Psicologia

Santa Maria, julho, 2022

**MATEUS BONESSO RODRIGUES**

**O IMPACTO DO ISOLAMENTO SOCIAL NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS  
EM IDADE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Saúde - SOBRESP,  
como requisito para obtenção do título de Psicólogo

**BANCA EXAMINADORA:**



Prof<sup>a</sup> Me. Barbara Maria Barbosa da Silva  
Faculdade de Ciências da Saúde - SOBRESP



Prof. Me. Lucas Lüdtke  
Faculdade de Ciências da Saúde - SOBRESP  
Professor Orientador - Presidente da Banca Examinadora

**Santa Maria, julho de 2022**

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CFP	Conselho Federal de Psicologia
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NSDUH	National Survey on Drug Use and Health
OMS	Organização Mundial da Saúde
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SOBRESP	Faculdade de Ciências da Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância

## **RESUMO**

Este estudo, objetivou determinar os efeitos das mudanças de hábitos diários no comportamento e aprendizagem da criança em idade escolar em resposta à pandemia de Covid-19. Procurou-se identificar o aparecimento e / ou agravamento de comportamentos psicossociais que poderiam ser relativos ao momento de isolamento social vivido pela criança, assim como o aparecimento de formas aprendizagem para minimizar os efeitos da suspensão das aulas presenciais, além de possíveis estratégias para proporcionar melhores condições de vida às crianças perante o isolamento social. Para tanto, foi utilizado como método a revisão bibliográfica, visando a busca de artigos relacionados aos dilemas e desafios das crianças frente ao isolamento social causado pela pandemia. A partir da análise de dados foi possível perceber a importância de comunicação entre a família e a criança para amenizar os anseios das mesmas no período de isolamento. Também, ficou claro a necessidade de estratégias que visem uma diminuição da desigualdade entre as gestões públicas e privadas de educação para um melhor desenvolvimento educacional das futuras gerações. Por meio do estudo realizado fica explícito a necessidade de uma continuidade no acompanhamento do desenvolvimento cognitivo, social e afetivo das crianças após o período de pandemia para investigar o aparecimento de sintomas decorrentes do isolamento futuramente.

Palavras-chave: Isolamento social, pandemia e aprendizagem infantil.

## **ABSTRACT**

This study aimed to determine the effects of changes in daily habits on the behavior and learning of school-age children in response to the Covid-19 pandemic. It sought to identify the emergence and/or worsening of psychosocial behaviors that could be related to the moment of social isolation experienced by the child, as well as the emergence of ways of learning to minimize the effects of the suspension of classroom lessons, in addition to possible strategies to provide better living conditions for children in the face of social isolation. To do so, the bibliographic review was used as a method, aiming at the search for articles related to the dilemmas and challenges of children facing social isolation caused by the pandemic. From the data analysis it was possible to notice the importance of communication between the family and the child to ease their anxieties during the isolation period. Also, it became clear the need for strategies aimed at reducing the inequality between public and private education administrations for a better educational development of future generations. Through this study, it is clear that a continuous follow-up of the cognitive, social and affective development of children after the pandemic period is necessary to investigate the emergence of symptoms resulting from future isolation.

**Keywords:** Social isolation, pandemic, and children's learning.

## **Sumário**

<b>1 Introdução</b>	08
<b>2 Revisão de literatura</b>	10
<b>3 Justificativa</b>	20
<b>4 Objetivos</b>	22
<b>4.1 Objetivo geral</b>	22
<b>4.2 Objetivos específicos</b>	22
<b>5 Método</b>	23
<b>6 Análise dos dados e resultados</b>	24
<b>7 Considerações finais</b>	35
<b>Referências</b>	38

## 1 Introdução

Em 2020 a “doença do coronavírus” (COVID-19/*Coronavirus Disease*) (WHO, 2020) surgiu sendo está uma infecção respiratória provocada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS). A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID19 como uma pandemia (Schmidt, Crepaldi, Bolze, Neiva-Silva, & Demenech, 2020). Ao se conceituar pandemia e possível dizer que está se caracteriza pela alta taxa de transmissão. O COVID-19 é transmitido de pessoa para pessoa, pelo contato próximo de várias formas incluindo respiratória assim como por meio de objetos e superfícies contaminadas também (WHO, 2020). Desta forma uma das medidas adotadas para evitar um número de contágio em massa trata-se do distanciamento social que modificou completamente a forma de viver do ser humano.

Com o aparecimento do Corona Vírus, medidas como o isolamento social foram adotadas, conseqüentemente todas as instituições sociais procuram se adaptar ao novo modelo de trabalho, desde o início de 2020 as escolas precisaram se adequar ao novo modelo sendo realizados de forma remota. O isolamento social, optado na maioria dos países do mundo como forma de combater a pandemia de COVID-19, tem provocado repercussões desfavoráveis para saúde, economia, política e educação dessas nações. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a maioria dos governos fechou temporariamente as instituições de ensino, impactando mais de 90% da população estudantil do mundo e está apoiando os países para facilitar a continuidade da educação para todos, por meio de aprendizado remoto (UNESCO, 2020).

A pandemia da Covid-19 trouxe à humanidade um novo aprendizado: a urgência de todos se adequarem às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A situação inédita desta geração do século XXI criou oportunidades para quem estava acostumado a lidar com as TDIC como uma opção e instigou os que não tinham o costume a se apropriarem dos recursos tecnológicos de alguma forma. De repente, comerciantes, prestadores de serviços e outros profissionais passaram a vivenciar a experiências de “oferecer serviços pelo digital” (Cani, Sandrini, Soares, & Scalzer, 2020).

Segundo Pasini, Carvalho e Almeida (2020) uma alternativa adotada pelo governo com o objetivo de reduzir os impactos do COVID 19 nos sistemas educacionais durante a pandemia foi do ensino remoto ou híbrido, o qual evita contato com outras pessoas porque ocorre de forma online, ou pelo menos reduz a quantidade de pessoas no mesmo espaço. Esses sistemas estão



sendo ofertados aos alunos da rede pública e privada como alternativa para a continuidade no processo de ensino e aprendizagem neste período em que as aulas estiverem suspensas por tempo indeterminado como medida de prevenção da disseminação da Covid-19.

De acordo com Palú, Schütz e Mayer (2020) a educação a distância enfrenta muitas dificuldades e desafios, como acesso à internet, questões do ambiente doméstico, acesso a computadores, administração do tempo de estudo, entre outros fatores. É importante ressaltar que um grande problema com a modalidade EAD é sua dificuldade de aceitação, pois muitos alunos não conseguem se adaptar a esse modelo de ensino. Porém, os desafios da EAD não se restringem apenas aos alunos, pois os professores se encontram em uma situação em que suas casas se transformam em salas de aula, pois precisam de materiais e criatividade para realizar com facilidade o que desejam fazer em sala de aula.

Outro ponto a ser levantado é que muitas vezes o ensinamento está sendo passado pelos pais, que muitas vezes não possuem carga educacional necessária para ensinar, diante disso demonstrar alternativas aos pais, demonstrando a eles que a educação infantil vem da interação e da brincadeira e não necessariamente de uma atividade impressa em papel (Barbosa, 2009).

O isolamento social, a falta de convívio com os colegas e horas na frente da TV, celular, tablete ou computador, tem afetado negativamente as crianças e adolescentes, podendo desencadear estresse, ansiedade e até depressão, os professores podem amenizar esses impactos elaborando aulas interativas, com mais alunos e podendo adotar algumas brincadeiras (Maia & Dias, 2020).

## 2 Revisão de literatura

### 2.1 Conceito e definição de covid-19

O primeiro caso de COVID-19 se iniciou em Wuhan em dezembro de 2019 na cidade chinesa com 11 milhões de habitantes, o caso foi investigado pelo fato de aparecer uma série de casos de pneumonia com origem desconhecida. Depois de algumas pesquisas, foi descoberta a COVID-19, doença causada pelo novo Coronavírus (WHO, 2020).

Denominado de Sars-CoV-2, agente causal da doença conhecida como COVID-19 é o mais novo integrante da família viral Coronaviridae, composta por outros 14 tipos de vírus. O vírus foi nomeado como Coronavírus em 1965, quase 30 anos depois de sua descoberta. Apresenta uma forma similar a uma coroa quando observado em um microscópio (Lima, 2020)

Baseados no estudo de 55.924 casos confirmados, a WHO (2019) -*China Joint Mission on Coronavirus Disease* (2019) relatou como sinais e sintomas mais comuns: febre (87,9%), tosse seca (67,7%), fadiga (38,1%), produção de escarro (33,4%), dispneia (18,6%), dor de garganta (13,9%), cefaleia (13,6%), mialgia ou artralgia (14,8%), calafrios (11,4%), náuseas ou vômitos (5%), congestão nasal (4,8%), diarreia (3,7%), hemoptise (0,9%) e congestão conjuntival (0,8%). Na maioria dos casos, a doença foi leve e houve recuperação completa.

No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Em 3 de março, havia 488 casos suspeitos notificados, 2 confirmados e 240 descartados no país, sem evidência de transmissão local. Os dois primeiros casos confirmados eram de indivíduos do sexo masculino, residentes na cidade de São Paulo, SP, que haviam regressado de viagem à Itália (Croda & Garcia, 2020).

Ainda segundo Croda e Garcia (2020) a família de vírus *Coronaviridae* causa uma variedade de doenças em humanos e animais, especialmente no sistema respiratório. As partículas virais são esféricas, com cerca de 125nm de diâmetro e cobertas por um envelope de fosfolipídios. O genoma de RNA de fita simples com sentido positivo contém 26-32 quilo bases e se liga a proteínas para formar nucleocapsídeos. As partículas apresentam saliências que emanam do envelope em forma de picos formados pela proteína S (proteína do ouvido) trimérica. Essas saliências produzem a aparência de uma coroa e, portanto, são chamadas de coronavírus. A proteína S está envolvida na ligação do vírus à célula hospedeira, na fusão entre a membrana do vírus e a membrana celular e no processo de internalização pelo qual o vírus entra no citoplasma (Uzunian, 2020).

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) relatou vários casos de pneumonia em Wuhan, província de Hubei, República Popular da China. De acordo com a OMS esta era uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada anteriormente em humanos. Na semana seguinte, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de vírus corona (Buss, Alcázar & Galvão, 2020).

Segundo Xavier, Silva, Almeida, Conceição, Lacerda e Kanaan (2020). COVID-19 foi caracterizado pela OMS como uma pandemia que se refere à distribuição geográfica da doença, e não à sua gravidade. Esta designação agora reconhece que COVID-19 está ocorrendo em vários países e regiões ao redor do mundo. COVID-19 é considerada uma infecção causada pelo novo vírus corona e os sintomas mais comuns são febres, fadiga e tosse seca. Alguns pacientes podem sentir dor, congestão nasal, secreção nasal, dor de garganta ou diarreia. Esses sintomas são geralmente leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas não apresentam sintomas e se sentem bem.

Chamada de *SARS* (sigla em inglês para síndrome respiratória aguda grave), a doença foi encarada como a primeira transmissível grave do século XXI, e é semelhante à doença identificada em dezembro na China. Os coronavírus foram descritos, pela primeira vez, em 1966 por Tyrell e Bynoe, que cultivavam os vírus de pacientes com resfriados comuns (Raj et al., 2013). São uma subfamília de grandes e envelopados vírus contendo morfologia esférica, com cerca de 100 a 160 nm de diâmetro (Lima, De Sousa & Lima, 2020).

Em 30 de janeiro de 2020, eram conhecidos 42 genomas, e uma análise filogenética dessas amostras revelou estarem relacionadas até sete mutações com um ancestral comum, indicando que a primeira infecção em seres humanos ocorreu em novembro ou dezembro de 2019 (Yi, Ye, & Xu, 2020; Chen, Liu, & Guo, 2020; Ren et al., 2020). Em 13 de março de 2020, estavam já disponíveis publicamente 410 genomas de SARS-CoV-19 (Chen, Liu & Guo., 2020).

Visualizados na microscopia eletrônica como círculos com espículas que se exteriorizam de sua superfície, formando projeções semelhantes a uma coroa solar (a palavra “corona”, em latim, tem o significado de coroa). Eles podem ser divididos nos gêneros alfa, beta, gama e delta coronavírus, dos quais os CoVs alfa e beta infectam humanos (Lima et al. 2020). Os beta-coronavírus podem causar doenças graves e fatais, enquanto os alfa-coronavírus causam infecções assintomáticas ou levemente sintomáticas. Os alfas e beta-coronavírus são,

aparentemente, originários de mamíferos, em particular de morcegos, enquanto o vírus gama e delta são originários de porcos e pássaros (Velavan & Meyer, 2020).

## **2.2 Pandemia e escola / educação infantil**

A Educação Infantil conforme assegura a Constituição Federal (1988) e a LDB 9394/96 (1996), é a etapa inicial da educação básica. Contemplando crianças de 0 a 3 anos em creche e de 4 a 5 anos em pré-escolas.

O processo de alfabetização se baseia em atender à mudança ocorrida no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, a Escola Ativa baseia esse conhecimento em torno de cinco eixos. São eles de acordo com Lopes (2010, p. 6):

1º EIXO – COMPREENSÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA ESCRITA: Ao trabalhar esse eixo, educador, você está introduzindo seus educandos no mundo letrado. Trata-se do processo de letramento que não deve ser trabalhado separado do trabalho específico da alfabetização. É preciso investir nos dois ao mesmo tempo.

2º EIXO – APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA: Nosso sistema de escrita é alfabético. Seu princípio básico é o de que cada “som” é representado por uma “letra”. Esse aprendizado é decisivo no processo de alfabetização, e se realiza quando o educando entende que o princípio que regula a escrita é a correspondência grafema-fonema.

3º EIXO – LEITURA: Não é necessário esperar que seu educando já saiba ler e escrever para iniciar o trabalho com a leitura. Para atender a esse eixo, você poderá trabalhar, desde o início da escolaridade, com os textos que pertencem à tradição oral. São textos que as crianças normalmente conhecem, gostam de cantar ou recitar, e memorizam com muita facilidade. Eles possibilitam avanços em suas hipóteses a respeito da língua escrita, e propiciam problemas para diferentes níveis de conhecimento. São os gêneros: parlendas, cantigas, músicas, poemas, quadrinhas etc. Você deve, também, cuidar para que os textos sejam adequados, próprios das brincadeiras de infância, divertidos e com um forte comprometimento lúdico. Uma vez memorizados, o trabalho com eles flui com muita naturalidade.

4º EIXO – PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS: Ao trabalhar com a produção escrita, estamos aqui iniciando um trabalho com a escrita de textos. Podemos definir muito simplesmente o que é um texto quando dizemos que é algo que nos comunica alguma coisa. Não importa o tamanho, podendo existir textos grandes ou pequenos, ou até mesmo textos com uma só palavra: Ex.: CACHORRO, quando colocado em uma placa, na porta de uma casa.

5º EIXO – DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE: Este eixo introduzido há bem pouco tempo no currículo da língua portuguesa, e reconhecido pela Linguística e pela Pedagogia, é de grande importância na vida das pessoas, portanto, deve ser também na escola objeto de atenção e estudo. É importante propiciar aos educandos, principalmente às crianças oriundas de um meio social menos favorecido, a ter acesso a uma língua de prestígio, mas precisamos também respeitar a língua que ela adquiriu no meio familiar e social em que vive, sem discriminá-la. Lembre-se, educador, que ao trabalhar qualquer conteúdo, você deverá sempre iniciá-lo com atividades orais.

No Brasil, a educação infantil, foi instituída para garantir que toda a criança possua direito de receber educação de qualidade, para tal, a Constituição Federal, no tocante as ações de políticas voltadas para a criança, reconheceu a criança como cidadã, assegurando como garantia constitucional o direito a educação. Para Angoti (2006, p. 18), a Constituição Federal de 1988, em relação às políticas de atenção à infância, inaugurou um novo momento na história da legislação infantil ao reconhecer a criança como cidadã.

Com a promulgação da Carta Magna em 1988, emerge e se reconhece o estado de direito do cidadão criança, um novo estatuto social deve e terá que ser desenhado para o cotidiano, exigindo investimentos distintos e integrados na consolidação de uma nova ordem social (Angoti, 2006, p. 18). Assim, a pré-escola, como modalidade de Educação infantil, possui relevante papel na formação do indivíduo, uma vez que, seu objetivo educacional é promover o desenvolvimento do ser humano, através da aprendizagem, bem como proporcionar mecanismo que possam contribuir para o processo de construção e conhecimento de habilidades.

Desta forma segundo Côco, Andrade Vieira & Fátima Giesen (2019) torna-se necessário um planejamento por parte da comunidade escolar para que esse trabalho se torne mais satisfatório, pensado a partir das necessidades, prevendo ações que serão realizadas depois, utilizando os recursos disponíveis, estabelecendo critérios para a avaliação, definindo prazos para sua execução, tudo isso visando o crescimento crítico do pequeno ser e uma transformação da realidade.

A educação infantil tem por responsabilidade o respeito a criança quanto aos seus direitos e especificidades, isto é sua essência; sua constante curiosidade; seu desenvolvimento físico. A criança apresenta dependência cognitiva, afetivo e social, tem necessidade de ajuda no cuidado com seu corpo, com sua alimentação, seus pertences etc. (Moreno, 2007, p. 57).

De acordo com a UNESCO (1990) a criança deve adquirir autonomia e ao mesmo tempo aprende a vivenciar os aspectos relativos ao seu desenvolvimento psicossocial e cultural. Nesse percurso começa a se definir o desenvolvimento do processo de construção de sua identidade, acompanhado da socialização, e da valorização da história de cada criança, todas essas necessidades fazem com que a criança tenha uma aprendizagem significativa esta que, começa com o nascimento. Isto implica cuidados básicos e educação inicial infantil proporcionados seja através de estratégias que envolvam as famílias e comunidades ou programas institucionais (UNESCO, 1990).

A ação pedagógica deve, também, ter como comprometimento o cuidar, o educar e o brincar, caminhando junto e tendo por objetivo, a criança como um indivíduo em desenvolvimento. Respeitando as características pessoais de cada criança e as preparando para viver em sociedade. A educação tem como finalidade primeira a criação de condições que facilitem a aprendizagem do aluno, e como objetivo básico liberar a sua capacidade de autoaprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional (Mizukami, 1986, p.44-45).

A educação infantil possui um caráter totalmente diferente das outras etapas da educação pois a criança tem uma visão totalmente diferente do mundo elas possuem sua própria

forma de se expressar e de sentir as experiências por elas passadas, para Kramer (1987) as crianças participam da construção de seu conhecimento como sujeitos ativos, fazendo uso dos esquemas mentais próprios a cada etapa de seu desenvolvimento.

Constrói noções e conceitos na medida em que age, observa e se relaciona com o mundo físico. No decorrer das atividades que realiza ela aprende, incorporando informações a partir do relacionamento com o outro, desenvolvendo assim o seu pensamento. A escola tem um papel crucial na educação e formação dos cidadãos e o professor é o mediador da construção de uma sociedade igualitária onde o respeito e a tolerância venham em primeiro lugar. À medida que o professor reflete sobre sua ação, sobre sua prática, sua compreensão se amplia, ocorrendo análises críticas reestruturação e incorporação de novos conhecimentos, que poderão restaurar o significado e a escolha de ações posteriores (Campos, Pessoa, Geraldi, Fiorentini, & Pereira, 1998, p. 256).

Para Da Silva e Ferreira (2014) revisar essa citação a contribuição da escola não está apenas, e exclusivamente, relacionada ao saber científico, onde se visa à construção e desconstrução do conhecimento. Está relacionada também com a cultura, e esta por sua vez, possui um fator importante, pois é através dela que conhecemos a história, a cultura e a ideologia de um país, lugar, grupo ou sociedade. Com isso, aprendemos a respeitar o que é “diferente”, evitando atos de preconceitos.

Para Freitas (2011) cabe à escola formar cidadãos críticos, reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, tornando-se aptos a contribuir para a construção e/ou desconstrução de uma sociedade visando à igualdade e justiça. Entretanto, sua função não está apenas em proporcionar a simples transmissão do conhecimento, tem o compromisso social para, além disso. Preocupa-se também em prover a capacidade do aluno de buscar informações segundo as exigências de seu campo profissional ou conforme as necessidades de seu desenvolvimento individual e social.

A escola precisa repensar sobre que tipo de sociedade que pretende construir, haja vista que ela tem participação preponderante na formação do caráter social dos indivíduos, e, portanto, tem em suas mãos o poder de intervenção pelos mecanismos da educação, consolidando assim as relações sociais de acordo com os padrões exigidos pela sociedade. Vygotsky (1989) traz em sua concepção que a sala de aula deve ser considerada um lugar privilegiado, onde os conhecimentos devem ser articulados entre o professor e o aluno. Nesse processo interativo todos devem ter a oportunidade de falar e dar as suas opiniões, e as ideias

devem ser levadas em consideração, mesmo que o indivíduo em questão seja uma criança de apenas cinco anos de idade.

Segundo Maio, Oliveira e Peixoto (2018), as ações educativas familiares se distanciam muitas vezes daquelas emanadas da escola, enquanto a primeira educa seguindo suas tradições morais e, em sua maioria, religiosas, a segunda educa sob o viés da ciência. Talvez seja esse um dos motivos que fez com que, ao longo da história, a escola tivesse se constituído como espaço formal de ensino e aprendizagem, com competência de discurso fundamentado nas diversas ciências, se distanciando cada vez mais do senso-comum.

Com esse processo dinâmico pode se dar a construção de conhecimentos. Ainda segundo Freire (1998), tenta resgatar o verdadeiro papel da escola. Para ele ser professor é muito mais do que ser babá ou substituto dos pais. Educar é muito mais que ensinar boas maneiras, ler e escrever. É criar consciência, crítica e formar um cidadão em cada um de seus alunos.

Maio et al. (2018) enfatizam o valor da família para a educação da criança, o excerto atribui a ela, além de uma educação baseada nas experiências, aquela que foi aprendida e ensinada nos contextos de convivência que passa de pai/mãe/responsável para filho/a.

Segundo o que ressalta Reis-Filho e Quinto (2020) a pandemia do COVID 19 modificou completamente a forma de viver dos seres humanos. De forma a modificar a suas formas de trabalho, formas de conviver em família, e conseqüentemente as formas de ensino e aprendizagem dentro do ambiente escolar.

É válido dizer que o papel da escola em relação a aprendizagem do indivíduo mesmo nesta situação e indispensável. Após a família a escola e o segundo lugar que a criança tem contato, é e na Educação Infantil que as experiências se iniciam através da relação da criança com outras pessoas passando a conviver com pessoas de diferentes raças, cor, etnia, religião, cultura. Canivez (1991) afirma que: A escola passa a ser o espaço social, depois da família: A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra (Canivez, 1991 p 33).

De acordo com a abordagem Vygotskyana, afirmam que o nível de desenvolvimento real se relaciona ao desenvolvimento do intelecto, às funções já amadurecidas da criança; e o desenvolvimento potencial, às suas realizações assistidas, ou seja, o que está delineado para o

futuro, o que está em processo de maturação. Vários estudos têm assegurado que os dois hemisférios do cérebro trabalham em conjunto. Ainda de acordo com da Silva, Fonseca e da Silva (2021), o hemisfério esquerdo é responsável pelas funções de análise, organização, seriação, atenção auditiva, fluência verbal, regulação dos comportamentos pela fala, práxis, raciocínio verbal, vocabulário, cálculo, leitura e escrita. É o hemisfério dominante da linguagem e das funções psicolinguísticas (Beleboni, 2001).

O hemisfério direito é responsável pelas funções de síntese, organização, processo emocional, atenção visual, memória visual de objetos e figuras. O hemisfério direito processa os conteúdos não-verbais, como as experiências, as atividades de vida diária, a imagem das orientações espaço-temporais e as atividades interpessoais. O autor refere que para que uma criança aprenda é necessário que se respeitem várias integridades, como o desenvolvimento perceptivo-motor, perceptivo e cognitivo, e a maturação neurobiológica, além de inúmeros aspectos psicossociais, como: oportunidades de experiências, exploração de objetos e brinquedos, assistência médica, nível cultural (Beleboni, 2001).

As dificuldades de aprendizagem quase sempre se apresentam associadas a problemas de outra natureza, principalmente comportamentais e emocionais. De modo geral, as crianças com dificuldades de aprendizagem e de comportamento são descritas como menos envolvidas com as tarefas escolares do que os seus colegas sem dificuldades (Kauark & Silva, 2008).

Os autores Roeser e Eccles (2000) propõem que as dificuldades comportamentais e emocionais, por sua vez, influenciam problemas acadêmicos e estes afetam os sentimentos e os comportamentos das crianças. Tais dificuldades podem expressar-se de forma internalizada ou externalizada.

De acordo com Abensur (2021) atualmente devido a pandemia do COVID- 19, a escola optou pelo ensino híbrido no qual se trabalha de forma remota e de forma presencial, da seguinte forma: dividiu-se a turma de alunos em dois grupos, sendo que, em cada semana, uma turma vai ao ambiente escolar e a outra turma fica em casa, diversificando-se a cada semana para que se diminua a aglomeração de alunos e a possibilidade de se contrair a doença pelo contágio direto. Dessa forma, os alunos continuaram a estudar sem terem tanto prejuízo em suas aprendizagens. Além disso, em determinados ocasiões permitindo ao pai de aluno a possibilidade de optar, se deseja ou não, que seu filho possa realizar todas as atividades de forma remota.

Como já dito anteriormente muitas mudanças ocorreram devido a pandemia COVID-19, Cordeiro (2020) aponta que dentro do ambiente escolar os profissionais passaram a fazer o



uso de ferramentas tecnológicas, onde, foi necessário a adaptação de novas ferramentas para atender aos alunos de forma on-line, tais como: a utilização de Computadores, *notebooks* e celulares, com grupos de *Whatsapp* para a comunicação, o uso do *Google Meet*, que é uma ferramenta para conseguir acompanhar o andamento das aulas, permitindo um intercâmbio audiovisual do professor com o aluno, dessa forma possibilitando aos alunos a aprendizagem da matéria de forma virtual.

Segundo Demo (2018) infelizmente em se tratando da qualidade de ensino na educação infantil em específico e notável que esta foi muito prejudica, visto que a maior parte da aprendizagem da criança ocorre com o contato entre o professor e ela, entre ela e o objeto, assim como a interação entre os próprios alunos, possibilidades que foram eliminadas com o distanciamento social. Dito isso para que a criança de continuidade em sua aprendizagem em um momento tão complexo como este é necessário que todos os esforços sejam maiores tanto por parte da gestão escolar, da família, como o professor todos com um único objetivo.

Desta forma, foi editada a Lei 8.069/90 (1990), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que também reconhece as crianças como detentores de direitos, reiterando a condição peculiar de desenvolvimento em que estas se encontram, pontuando no artigo 54, a obrigatoriedade do Estado em promover o atendimento as crianças de 0 a 5 anos em creches e pré-escolas (BRASIL, 2006).

Visando garantir a aplicação de políticas públicas em detrimento ao direito de as crianças ter acesso à educação pública, o Ministério da Educação, formulou diretrizes propostas pela política nacional de Educação Infantil, sendo então publicado o documento de Política Nacional de Educação Infantil, que contém as diretrizes, objetivos, metas e estratégias, reconhecendo que:

Ao Estado, portanto, compete formular políticas, implementar programas e viabilizar recursos que garantam à criança desenvolvimento integral e vida plena, de forma que complemente a ação da família. Em sua breve existência, a educação das crianças de 0 a 6 anos, como um direito, vem conquistando cada vez mais afirmação social, prestígio político e presença permanente no quadro educacional brasileiro. Em razão de sua importância no processo de constituição do sujeito, a Educação Infantil em creches ou entidades equivalentes (crianças de 0 a 3 anos) e em pré-escolas (crianças de 4 a 6 anos) tem adquirido, atualmente, reconhecida importância como etapa inicial da Educação Básica e integrante dos sistemas de ensino (BRASIL, 2020).

Desta forma, verifica-se a preocupação do poder público em estabelecer normas e diretrizes que visem promover a educação desde os anos iniciais, mesmo que a Educação Infantil não seja uma etapa obrigatória, entretanto, sendo reconhecida com direito da criança. Assim, surge em 1996, por meio da atuação da União, em sua função de legislar sobre as

diretrizes e bases da educação nacional, onde é criada a Lei nº 9.394/96 (1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, reconhecendo que a educação é o mecanismo que possibilita o desenvolvimento do educando em diversas áreas, não apenas no contexto escolar, uma vez que, permite ao indivíduo percorrer uma evolução tanto dentro quanto fora do espaço acadêmico, em seu seio familiar, bem como no meio social em que está inserido.

Deste modo, a educação básica é um direito da criança e um dever do Estado e família, devendo ser incentivada, vez que permite o desenvolvimento do educando, além de promover o preparo para seu exercício no que se refere a cidadania. Registra-se que é nesta fase inicial do desenvolvimento da criança que é possível promover a melhor qualificação do indivíduo, pois são nesses anos iniciais em que a criança está apta a ser moldada para o convívio social, a formação do seu intelecto e o desenvolvimento físico. É importante destacar que as práticas de educação visam a integração do indivíduo e seu desenvolvimento em vários aspectos, tais como o físico, emocional, afetivo, cognitivo, linguístico e social. Corroborando este entendimento, Oliveira (1997) afirma que:

A implicação dessa concepção de Vygotsky para o ensino escolar é imediata. Se o aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas. Mas o desempenho desse papel só se dará adequadamente quando, conhecendo o nível de desenvolvimento dos alunos, a escola dirigir o ensino não para as etapas de desenvolvimento ainda não incorporados pelos alunos, funcionando realmente como um motor de novas conquistas psicológicas. Para a criança que frequenta a escola, o aprendizado escolar é elemento central no seu desenvolvimento (Oliveira 1997, p. 61).

Segundo Craveiro & Medeiros (2013) convém destacar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação prevê como responsabilidade dos municípios, o oferecimento da educação infantil e do ensino fundamental. Nesse sentido, é primordial que a criança em idade pré-escolar tenha acesso à educação de qualidade, que incluam a ludicidade como proposta pedagógica, para promoção do desenvolvimento cognitivo e integral da criança.

Para Kishimoto (2010) a promoção das atividades lúdicas para criança em idade pré-escolar desempenha um grande papel no desenvolvimento infantil, uma vez que, é na Educação Infantil que a criança aprende de modo intuitivo, adquire noções espontâneas, em processos interativos, envolvendo o ser humano com suas cognições, afetividade, corpo e interações sociais. Tem como foco descrever como aparece o conceito de lúdico/ludicidade no texto de alfabetização da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, considerando sua relevância para a primeira infância, tendo em vista que as atividades lúdicas, jogos e brincadeiras são

fundamentais e constituem o processo de humanização e desenvolvimento afetivo, social e cognitivo das crianças.

Segundo dos Santos (2020) o ato de brincar contribui para um melhor desenvolvimento da criança em todos os aspectos físico, afetivo, intelectual e social. Brincando, a criança organiza e constrói seu próprio conhecimento e conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça as habilidades sociais e reduz e agressividade (Marinho, Matos, Salles, Filho, & Finck, 2007).

A “origem semântica da ludicidade, que vem do latim LUDUS, que significa jogo, exercício ou imitação” (Massa, 2015, p. 113), se refere ao brincar, ao qual podemos acrescentar jogos, brinquedos, brincadeiras e a prática do brincar e se divertir. Os jogos lúdicos proporcionam às crianças situações-problema, possibilitando a elas vivenciarem experiências de lógica e raciocínio, por meio de atividades físicas e mentais que favorecem a interação social, ampliando as situações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas (dos Santos, 2020).

Segundo De Araújo (2020) ao utilizar o jogo, as crianças mobilizam saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área. Nas turmas de educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, a presença de atividades lúdicas como ferramenta para o aprendizado faz parte das estratégias dos professores, como por exemplo uso de brincadeiras e uso de contação de histórias.

### 3 Justificativa

As escolas na crise e a COVID-19 (Coronavírus) é a pauta do momento no mundo acadêmico. Não é para menos. Afinal, a pandemia está abalando o mundo todo e gerando transformações em todas as esferas, esse impacto é evidente principalmente na educação infantil uma vez que estas sentiram o isolamento social de forma mais próxima. No que diz respeito à Educação, conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sabemos que a crise causada pela Covid-19 resultou no encerramento das aulas em escolas e em universidades, afetando mais de 90% dos estudantes do mundo (UNESCO, 2020).

O presente trabalho justifica-se pelo cenário atual, que vem trazendo grandes consequências para a sociedade. Em um momento como esse, o foco deve estar na saúde das pessoas e no controle do vírus. As escolas devem contribuir com as medidas de prevenção, controle e informação.

A crise gerada pela pandemia está produzindo adoecimento mental e sofrimento psicossocial em milhares de pessoas ao redor do mundo. De acordo com informações do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020b), estima-se que um terço ou até mesmo a metade da população exposta a uma pandemia manifeste sintomas de adoecimento mental. Medo, angústia, depressão, estresse, transtornos do pânico, ideações suicidas, suicídios, raiva, insônia, abuso de álcool e outras drogas aparecem como as principais consequências do mal-estar neste momento de calamidade (Duan & Zhu, 2020).

O isolamento social é indiscutível, mas ele vem afetando a economia, as pessoas produzem menos e gastam menos, o mercado desacelerou. Frente a crise, as organizações também devem aplicar ações para melhorar a economia, buscando algo inovador. É preciso ter resiliência, buscar forças para enfrentar os desafios, ter tranquilidade e contribuir com boas ações para que todos vençam esse obstáculo. Não obstante o isolamento provocou danos psicológicos.

A Psicologia destaca-se nesse contexto por reunir fundamentação teórica-conceitual e evidências científicas que podem ser aplicadas e generalizadas, contribuindo para uma compreensão dos aspectos psicológicos durante a grave crise contemporânea da pandemia da COVID-19. Os estudos atuais mostram influências dessa situação no comportamento das pessoas no cotidiano e causando ansiedade, medo, depressão e pânico (Holmes et al., 2020, Jiao et al., 2020). Contudo, ainda existem poucos dados sobre os impactos que esse período de

transição caracterizado por insegurança e incertezas causará especificamente no funcionamento psicológico de crianças (Linhares, & Enumo, 2020).

Até onde se sabe no momento, a saúde da criança é menos afetada pelo novo coronavírus em comparação a dos adultos (Zimmermann & Curtis, 2020). De acordo com Linhares e Enumo (2020), porém, a saúde mental das crianças no contexto da pandemia com o distanciamento ou isolamento social deve ser um ponto de atenção, considerando-se que as crianças se constituem em uma população vulnerável.

O estudo de Wang, Zhang, Zhao, Zhang e Jiang (2020) mostrou que o confinamento em casa de 220 milhões de crianças e adolescentes chineses, incluindo 180 milhões de estudantes de escolas primárias e secundárias e 47 milhões da pré-escola, provocará impactos psicológicos, na medida em que estão sujeitos a estressores, tais como duração prolongada, medo de infecção, frustração e tédio, informações inadequadas, falta de contato pessoal com colegas, amigos e professores, falta de espaço pessoal em casa e a perda financeira da família.

## **4 Objetivos**

### **4.1 Objetivo geral**

O objetivo principal deste estudo foi de revisar artigos acadêmicos que façam relação sobre a influência que a pandemia da COVID-19 tem trazido em crianças em idade escolar, bem como mudanças comportamentais e os processos de aprendizagem infantil, através de uma revisão de literatura dos artigos pertinentes ao tema.

### **4.2 Objetivos específicos**

- Identificar o aparecimento e / ou agravamento de comportamentos psicossociais que podem ser relativos ao momento de isolamento social vivido pela criança;
- Identificar o aparecimento de formas de educação e / ou aprendizagem que podem ser relativos ao momento de isolamento social vivido pela criança;
- Identificar possíveis estratégias que visam proporcionar melhores condições de vida às crianças em isolamento social.

## 5 Método

O método utilizado nesta pesquisa foi a bibliográfico, que se refere a um estudo sistemático desenvolvido com base em materiais publicados em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, ou seja, materiais acessíveis ao público em geral, adotando assim a abordagem qualitativa, de acordo com Godoy (1995) apesar a abordagem qualitativa não seja central em vários campos de estudo dos fenômenos humanos e sociais, uma rica tradição desse tipo de pesquisa tem se desenvolvido na sociologia e na antropologia. Aqui faremos um breve relato histórico, demonstrando como esta abordagem de investigação, aos poucos, foi se instalando nas ciências sociais.

### 5.1. Estratégia de busca

Foi utilizada a ferramenta de busca da Biblioteca Virtual de Saúde - BVS ([www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br)) para o levantamento de todas as publicações científicas que continham as seguintes palavras-chave: *pandemia, aprendizado, ensino infantil, educação a distância, cognitivo, comportamental, cognitivo-comportamental*; e também nomenclaturas próximas a estas. Outros termos que possuíram terminologia próxima aos citados, também foram testados na busca. O período da realização da pesquisa foi de maio do ano de 2021 a junho de 2022. As bases de dados revisadas foram, Indexpsi, PEPSIC, SciELO e LILACS, todas integrantes da BVS e mais o GOOGLE ACADEMICO.

## **6 Análise dos dados e resultados**

Havia 100 artigos no total que foram descobertos. Após a leitura dos títulos e resumos, 17 artigos foram excluídos por não se relacionarem com o tema do estudo. Os 83 artigos restantes foram examinados detalhadamente, e seis deles foram escolhidos por responderem à pergunta provocativa. Dez artigos foram deixados de fora porque abordavam tópicos como salvaguardas para a saúde mental das crianças, formas de proteção contra o COVID-19 e perigos para crianças que já têm doenças mentais, entre outras coisas.

A primeira categoria foi desenvolvida a partir de quatro artigos intitulados "Comportamento de bebês durante o isolamento social na epidemia de COVID-19", "Vida de crianças durante epidemia causada por novo coronavírus: revisão integrativa", "Isolamento de crianças: consequências físicas e mentais Inatividade em Crianças e Adolescentes" e "O Impacto da Epidemia de COVID-19 na Saúde Física e Mental de Crianças e Adolescentes". O primeiro estudo, intitulado "Comportamento de bebês durante o isolamento social na pandemia de COVID-19", discute mudanças comportamentais em crianças em idade escolar durante a pandemia de COVID-19. Constata que a mudança repentina nas atividades cotidianas causou inúmeras alterações físicas e psicológicas, além de prejudicar as relações interpessoais.

### **6.1 A influência que a pandemia da COVID-19 tem trazido na saúde mental infantil em crianças em idade escolar**

A pandemia apareceu de repente, exigindo que adultos e crianças se adaptassem às novas rotinas. Essas mudanças introduziram uma variedade de emoções na situação, incluindo incerteza sobre o futuro. Com essa "avalanche" de emoções, muitas vezes as crianças se comportam de maneiras nunca vistas antes, porque muitas delas ainda estão aprendendo a lidar com seus sentimentos e a regulá-los. Um isolamento social com Aydogdu (2020) enfatiza que, neste momento, as crianças passam mais tempo em frente às telas, tornam-se mais dependentes de dispositivos eletrônicos e são expostas a "Fake News e conteúdo inapropriado, exploração sexual, ameaças psicológicas e cibernética". vitimização". Como resultado, as crianças tornam-se um grupo suscetível à adolescência mental.

O isolamento social, optado na maioria dos países do mundo como forma de combater a pandemia de COVID-19 (Lima, 2020), tem provocado repercussões desfavoráveis para saúde,



economia, política e educação dessas nações, além desses fatores as incertezas, ao medo de perder entes queridos e a recessão econômica podem tornar vulneráveis crianças, adolescentes e suas famílias (Golberstein, Wen, & Miller, 2020).

Diferentes mudanças familiares, demandas curriculares em um novo ambiente de aprendizagem, a perda de intimidação em muitos casos e a rápida introdução de novos hábitos - mesmo com a quarentena - representam desafios significativos, e a adaptação a eles pode ser um processo difícil. De acordo com Pereira et al. (2020) a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou 25% em 2019 da pandemia de COVID-19 (OMS). O trabalho também destaca quem foi mais afetado, bem como o impacto da pandemia na disponibilidade de serviços de saúde mental e como isso mudou durante a emergência de saúde pública. O trabalho também destaca que as preocupações com o possível agravamento dessas condições levaram 90% dos países estudados a incluir saúde mental e apoio psicossocial em seus planos de resposta à COVID-19, embora ainda existam lacunas e preocupações significativas.

Segundo trabalho de Almeida, Rego, Teixeira e Moreira (2021) a relação entre isolamento social e maior incidência de sentimentos como ansiedade e depressão na população de crianças e adolescentes. Além disso, identificaram-se aumento nos níveis de cortisol e piora no desenvolvimento cognitivo dessa faixa etária. Logo, o acompanhamento da saúde mental e física desses jovens por profissionais da saúde deve estar presente durante e após a pandemia, houve um aumento no surgimento de sintomas como a diminuição da qualidade do sono, predispondo a sintomas depressivos, ansiedade e estresse, durante esse período.

As ideações, as tentativas ou o ato suicida propriamente dito podem ocorrer em crianças, embora sejam raros e pouco identificados nesta fase da vida, principalmente, pela dificuldade em reconhecer que crianças podem ter a intenção de se matar e de diferenciá-las dos acidentes (Silva Filho, 2019).

Desta forma, no período entre 2000 e 2008 foram registrados 43 casos de suicídio de crianças menores de 10 anos (0,1% do total de mortes), e de 6.574 adolescentes, entre 10 e 19 anos, uma média de 730 mortes por suicídio/ano (Kuczynski, 2014). Entre as crianças, 80% dos meninos recorreram ao enforcamento e, entre as meninas, notou-se a preferência por métodos como intoxicação medicamentosa, objetos cortantes e afogamento (Souza, 2010). Uma análise do *National Survey on Drug Use and Health* (NSDUH) de 2014 que 13,2% dos adolescentes ingressaram em alguma forma de serviço interno de saúde em um ambiente de academia nos últimos 12 meses, o que corresponde a 3 milhões de adolescentes (Lipari, Hedden, Blau, & Rubenstein, 2016).

Na verdade, a pandemia cobrou seu preço. De acordo com resultados preliminares de uma pesquisa global de crianças e adultos realizada pelo Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Gallup (Empresa americana de pesquisa de opinião) em 21 países – que inclui um prefácio neste relatório intitulado Situação Mundial da Infância 2021 – em média, um em cada cinco adolescentes e jovens de 15 a 24 anos disseram que se sentem carentes regularmente. Enquanto o COVID-19 se aproxima de seu terceiro ano, a influência na saúde mental e no bem-estar de crianças e adolescentes continua sendo significativa. De acordo com os dados mais recentes do UNICEF, pelo menos uma em cada seis crianças foi afetada diretamente pelos bloqueios, enquanto mais de 1,6 bilhão de crianças foram afetadas indiretamente (Keeley, 2021).

De acordo com os dados mais recentes do UNICEF, pelo menos uma em cada dez crianças foi diretamente afetada pelos bloqueios, enquanto mais de 1,6 bilhão de crianças sofreram algum tipo de perda educacional. A ruptura de rotinas, educação, recreação e preocupações com renda familiar e saúde estão deixando muitos jovens temerosos, irritados e preocupados com o futuro. Por exemplo, uma pesquisa realizada online na China no primeiro semestre de 2020, citada no relatório Situação Mundial do Infância 2021, constatou que cerca de um quarto dos entrevistados expressou medo ou ansiedade (Keeley, 2021).

As estimativas das causas de morte entre adolescentes são baseadas em dados da Organização Mundial da Saúde (2019). As estimativas para a prevalência de transtornos psiquiátricos diagnosticados são baseadas no Estudo de Carga Global de Doenças (IHME) de 2019 do Instituto de Métricas e Avaliação da Saúde.

As descobertas de um estudo sobre sentimentos de depressão ou falta de interesse em fazer as coisas fazem parte de um estudo maior realizado em conjunto pelo UNICEF e Gallup para investigar a divisão intergeracional. Segundo Costa (2022) aproximadamente 20 milhões de pessoas foram entrevistadas por telefone em 21 países como parte do projeto Mudando a Infância. Cada amostra é baseada em probabilidade e é representativa de duas populações distintas em cada país: pessoas de 15 a 24 anos e pessoas com 40 anos ou mais. A área de cobertura abrange todo o país, incluindo as zonas rurais, e a base de dados representa todos os cidadãos não institucionalizados de cada faixa etária que têm acesso a telefone. Os resultados do projeto serão divulgados pelo UNICEF em novembro.

## 6.2 Comportamentos psicossociais e emoções

Distúrbios comportamentais e problemas de aprendizagem têm sido associados em vários estudos, com alguns autores apontando dificuldades comportamentais como fator de risco para o baixo desempenho acadêmico, enquanto outros sugerem que problemas de aprendizagem escolar podem facilitar o desenvolvimento de problemas comportamentais graves. Os estudos de prevalência de psicopatologias na infância e adolescência, no Brasil e no mundo, apresentam índices variados. Estima-se que entre 10% e 25% das crianças e adolescentes, em algum momento de seu desenvolvimento, manifestem algum comprometimento de caráter clínico ou desviante, precisando, portanto, de acompanhamento profissional especializado (Gauy & Rocha, 2014).

Ao discutir os fatores comprovados ligados à ocorrência de psicopatologias em crianças e adolescentes, é necessário incluir fatores biológicos, genéticos, psicossociais e ambientais, ou um modelo de saúde biopsicossocial. Existem, portanto, fatores que aumentam ou diminuem a chance dos transtornos mentais se manifestarem, dentre esses fatores destacam-se os seguintes: características individuais do sujeito (gênero, temperamento, personalidade e cognição), fatores familiares (estilo parental, capacidade ou não de estabelecer vínculo, situações familiares adequadas ou estressantes e ausência ou presença de psicopatologias na família), e atributos sociais (condições do ambiente, local da moradia e número de pessoas que nela vivem (“viver amontado”), nutrição, violência urbana, acesso à saúde e ao saneamento básico) (da Silva, Teixeira, & Hallberg, 2018; Rozemberg, Avanci, Schenker, & Pires, 2014).

O isolamento social e o confinamento para o enfrentamento da COVID-19, exigidos pelas recomendações sanitárias dos órgãos oficiais de saúde, têm obrigado as famílias a uma convivência mais intensa dentro das casas. Tal situação tem provocado conflitos familiares constantes, o aumento de casos de violência doméstica, abuso, divórcio, entre outros (Lima, 2020). Essas situações, independente da sua extensão, podem impor sofrimento aos indivíduos que são impactados por elas (Rozemberg et al., 2014). Em sintonia com dados de epidemias passadas, começam a surgir evidências do aumento de casos de violência familiar, em sua maioria dirigida às mulheres e aos filhos, fato que está associado ao convívio prolongado em casa imposto pela quarentena (Lima, 2020).

Segundo Maia & Dias (2020) o isolamento social, a falta de convívio com os colegas e horas na frente da TV, celular, tablete ou computador, tem afetado negativamente as crianças e adolescentes têm sido afetados podendo desencadear estresse, ansiedade e até depressão, os

professores podem amenizar esses impactos elaborando aulas interativas, com mais alunos e podendo adotar algumas brincadeiras.

De acordo com Sierra e Mesquita (2006) uma criança e um adolescente, com suas formas distintas de agir, reagir e sentir, só podem ser compreendidos a partir da relação que se desenvolve entre eles e os adultos. Essa interação se estabelece de acordo com os objetivos da cultura em que estão imersos. As diversas condições históricas, políticas e culturais produzem transformações não apenas na representação social da criança e do adolescente, mas também em sua interioridade. Existe uma ligação entre a concepção de infância em uma sociedade, as trajetórias de desenvolvimento infantil, as estratégias dos pais para cuidar de seus filhos e a organização do ambiente doméstico e escolar.

Segundo da Silva et al. (2021) os trabalhos de as emoções e características de emoções mais frequentes durante o período de pandemia são: Raiva -agressão, repugnância, ira, fúria, ódio; Tristeza; aflição, pesar, pessimismo, depressão; medo -angústia, inquietação, horror, ansiedade, apreensão.

Segundo Sierra e Mesquita (2006), as crianças e os adolescentes não podem ser responsáveis por viverem ou não em situação de risco social, uma vez que não existe uma separação entre o cenário social e o comportamento individual. Se as crianças e os adolescentes são, por um lado, vulneráveis pela situação social, a qual representa uma ameaça ao seu destino, como o problema da exclusão social; por outro, existem também os conflitos provenientes do convívio social que ameaçam seu bem-estar (Biolini, 2021).

### **6.3 Os processos de aprendizagem infantil**

Os alunos são estimulados a participar de atividades que valorizam cada ação. Como resultado, os pequenos desenvolvem habilidades que aumentam gradativamente sua autonomia diante das situações e desafios que surgem em suas vidas. Para que essas habilidades cognitivas sejam desenvolvidas de forma plena, é necessário um ambiente escolar. O corpo pedagógico estabelece técnicas para abordar todos os aspectos que contribuem para a aprendizagem da criança por meio de estratégias. As habilidades cognitivas aprendidas na infância são extremamente importantes, pois permitem que a criança lide com as mais diversas situações (Abed, 2016). Para ilustrar a influência que certas competências têm, considere os seguintes exemplos: Quando uma criança aprende a explorar o ambiente usando as mãos, ou quando um aluno resolve um problema no qual pode usar as mãos e os olhos etc.

Segundo Tezani (2006) tendo em mente que a cognição é o ato de processar informações. Esta habilidade é a capacidade de reconhecer, integrar, compreender e responder adequadamente a todos os estímulos em seu ambiente. Vale ressaltar que isso obriga o indivíduo a pensar e avaliar como e o que fazer para concluir uma tarefa ou atividade social.

Para Brites (2020) os alunos são incentivados a participar de atividades que valorizam cada ação de suas mãos. Como resultado, os pequenos desenvolvem habilidades que aumentam gradativamente sua autonomia diante das situações e desafios que surgem em suas vidas.

Segundo Cerisara (2002) instituição de Educação Infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o aprendizado da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.

Na instituição de Educação Infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil (Social, 1998, p. 23).

Além das grandes perdas do processo de alfabetização formal, as crianças estão sendo privadas da necessária socialização com seus pares, em que se dá uma alfabetização significativa para o desenvolvimento humano, tais como: experiências lúdicas compartilhadas, que implica em interações proximais face a face; cooperação; convivência com as diferenças; compartilhamento de decisões; enfrentamento de desafios; negociação de conflitos; adiamento de gratificações; espera da sua vez; exercício controle de impulsos; entre outras habilidades (Linhares & Enumo, 2020).

O fato de o aprendizado ser realizado exclusivamente à distância gera um excesso do uso de telas, o que pode ser prejudicial ao desenvolvimento e saúde das crianças (Holmes et al., 2020; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2022).

Uma barreira compartilhada é a integração escola, pais e alunos, ao buscar sugestões pedagógicas mais avançadas e integrativas, os educadores têm demonstrado um verdadeiro empenho na valorização da capacidade de ensino e transferência de conhecimentos, mas, mesmo assim, não têm alcançado o sucesso esperado na promoção de uma sociedade justa para todos, devido a diversas barreiras pedagógicas. Segundo Miranda, Lima, Oliveira e Telles, (2020) é notório os esforços dos pais em oferecer condições adequadas para que os seus filhos

não percam a oportunidade aprender mesmo em tempo de pandemia. As classes menos favorecidas tiveram maiores barreiras, uma vez que algumas comunidades carentes nem possuíam acesso à internet.

#### **6.4 Educação aprendizagem**

Aprendizagem é o processo em que o indivíduo adquire conhecimentos que lhe permitem compreender situações, opinar e tomar decisões assertivas (Ausubel, 1982). É possível adquirir conhecimento com a ajuda de outras pessoas, por meio da educação formal, emprestando um livro ou até mesmo assistindo a um vídeo.

De acordo com Schmidt (1998) o conhecimento é visto como a base de toda a evolução humana e, conseqüentemente, do indivíduo. É uma atividade de alto valor no âmbito das organizações empresariais, e uma tendência é com maior conhecimento serem os profissionais mais reconhecidos do mercado — ocupando melhores cargas ou alcançando melhores remunerações.

Dentro da esfera organizacional, desenvolvimento e aprendizagem são forças complementares. Ao aprendiz é dada a habilidade de executar, enquanto ao desenvolvedor é dada a habilidade de realizar suas tarefas com destreza e qualidade (Carvalho, Salles & Guimarães, 2002).

Claramente, a epidemia de COVID-19 ameaça a saúde física e mental e interna da população contemporânea. Embora as crianças sejam menos contaminadas na forma característica e grave da COVID-19, elas podem ser mais afetadas em termos de desenvolvimento cerebral por serem uma população vulnerável. Durante o tempo de pandemia além dos desafios encontrados no ensino também existem problemas com as emoções infantis (Palú, Schütz, & Mayer, 2020). Mediante o exposto, para as escolas lidarem com as emoções das crianças precisam enxergá-las de forma única e individualizada visando entender as necessidades que precisam ser trabalhadas nelas. O isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 teve um impacto significativo na educação.

Com o aumento do número de casos a principal medida adotada pelo governo foi o fechamento de escolas. De acordo com UNESCO, a maioria dos governos fechou temporariamente as instituições de ensino, impactando mais de 90% da população estudantil do mundo e está apoiando os países para facilitar a continuidade da educação para todos, por meio de aprendizado remoto (UNESCO, 2020).

Os projetos foram paralisados e as atividades tiveram que ser adiadas para evitar a contaminação, gerando uma série de desafios e frustrações. No entanto, apesar das dificuldades de um momento tão extraordinário, as atividades escolares continuaram levando-nos a refletir sobre o projeto educacional que está sendo desenvolvido em nosso país (Miranda et al., 2020).

Esta migração gerou uma transposição de práticas e metodologias do ensino presencial para as plataformas virtuais de aprendizagem, o chamado ensino remoto. Segundo Moreira e Schlemmer (2020, p. 9),

no ensino remoto[...] o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza videoaula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de web conferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações.

Outra limitação do ensino remoto é a falta de acesso à internet. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (IBGE, 2018), 20,9% dos domicílios brasileiros não têm acesso à internet, isso significa cerca de 15 milhões de lares. Em 79,1% das residências que têm acesso à rede, o celular é o equipamento mais utilizado e encontrado em 99,2% dos domicílios, mas muitas famílias compartilham um único equipamento.

Quando combinado com o trabalho em sala de aula, o uso adequado e estruturado da tecnologia na educação pode ajudar os alunos a aprender mais rápido. Além disso, no mundo cada vez mais conectado de hoje, é necessário o desenvolvimento de determinados conhecimentos e habilidades que devem ser praticados na escola (Cordeiro, 2020).

Mas, como minimizar os impactos da pandemia no processo de ensino e aprendizagem das crianças de 0 a 5 anos? Como trabalhar com brinquedos e brincadeiras pelas telas dos celulares, tablets e computadores, visto que as brincadeiras fazem parte do processo de ensino e aprendizagem de crianças tão pequenas? E o brincar é um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Calderan & Calderan, 2020).

Portanto para Birolini (2021), mais estudos são fundamentais sobre o assunto para servir de base para a construção de estratégias que minimizem os impactos listados, proporcionando melhor bem-estar para as crianças e jovens, sobretudo em ambientes de isolamento social, tendo como principal ideal de evitar complicações futuras na convivência em sociedade. Da mesma forma, condutas são necessários esclarecer e desvincular o isolamento físico do isolamento social, que ainda pode fazer em ambiente epidêmico, desde que associado a boas práticas de higiene e usando uma máscara ou usando ferramentas digitais para manter o comércio social.

### **6.5 Estratégias que visam proporcionar melhores condições de vida às crianças em isolamento social**

No Brasil são oferecidas plataformas online, porém em função de parte da sociedade não possuir conhecimento ou internet, essa estratégia não beneficia a todos, portanto, de suma importância que seja ofertado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) profissionais especializados no cuidado mental, nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), para atender aos seus beneficiários (Lima et al., 2020).

Uma alternativa para minimização dos efeitos do isolamento é a prática da atividade física, seja direcionada pela escola ou pela família, entretanto devido ao espaço reduzido das residências e ao isolamento essas atividades foram reduzidas. No trabalho de Sá, Pombo, Luz, Rodrigues e Cordovil (2020) a maioria das crianças reside em apartamento (56%) e não possui espaço dedicado ao exercício físico e atividades recreativas (86,6%), como academia ou sala de ginástica, em suas residências. Em relação ao espaço externo: 27,7% não possui espaço externo; 54,4% possuem espaço externo até 12 m<sup>2</sup>; e 17,9% têm espaço maior que 12 m<sup>2</sup>. Vale destacar que 52,9% das famílias relatam que não tem sido fácil manter o distanciamento com as crianças e 27,7% relatam o contrário.

Desse modo, Florêncio Júnior et al (2020) afirmam que:

O comportamento sedentário também pode afetar negativamente as estruturas cerebrais em crianças com sobrepeso/obesidade. Em recente estudo foi observado que maiores tempos destinados a assistir TV associou-se com menor volume de massa cinzenta em seis regiões do cérebro, mais tempo jogando videogame foi associado a redução de massa cinzenta em três regiões cerebrais e o tempo total de comportamento sedentário associou-se à redução de massa cinzenta em duas regiões do cérebro (Florêncio Júnior et al., 2020).

O uso da tecnologia também pode ser crucial para auxiliar os professores em certas tarefas simples, burocráticas e operacionais (por exemplo, preenchimento de listas de presença



e acompanhamento de atividades), liberando mais tempo para que eles se concentrem em outras tarefas (Cordeiro., 2020).

Ainda segundo Sá et al. (2020) os principais achados com base em dados de 816 crianças indicam que a maioria dos pais considera que houve redução no tempo em que as crianças passam praticando atividade física e aumento do tempo lúdico de tela e das atividades em família.

Como resultado, foi necessário reinventar a psicologia infantil. Os desafios são contínuos, de acordo com Tito, de Oliveira Gonçalves & da Silva (2021) a psicologia mesmo tendo ultrapassado os limites das paredes de seus consultórios, a visão uni causal na aplicabilidade de testes em sua prática inicial, o psicólogo, por sua vez, encontrasse dentro da escola, onde pode ouvir as vozes da escola e fazer ecoar os desafios de sua prática, com suas problemáticas em variados contextos, como o peso dos determinantes sociais sobre os problemas de aprendizagem, as peculiaridades de cada criança e suas relações com seus pais e professores.

Várias ações poderosas têm sido desenvolvidas, com destaque para a aculturação da comunidade educativa através da promoção da educação e do cuidado. Algumas ações potentes passaram a ser desenvolvidas, principalmente no acolhimento à comunidade educativa com a promoção da escuta e do cuidado (Ferreira & Acioly-Régner, 2010).

Segundo Marinho-Araújo e Almeida (2005), a formação inicial de um psicólogo deve ter como foco o desenvolvimento de uma identidade profissional competente e sensível às demandas da sociedade. As autoras destacam ainda que um desafio para a formação do psicólogo escolar está na intencionalidade das instituições formadoras para promover um redirecionamento dos cursos, visando atender às demandas reais da sociedade. A atuação do psicólogo escolar será pautada, a partir da mobilização de recursos cognitivos, técnicos, éticos e estéticos, na construção e reconstrução de competências teórico-metodológicas para instrumentalizar as atividades junto aos atores educativos (Marinho-Araújo, 2005).

Os autores também apontam que há um desafio no desenvolvimento do psicólogo escolar, a superação dessas dificuldades, tanto no âmbito da formação quanto da atuação do psicólogo escolar, têm sido desenvolvidas das seguintes formas: (a) criação de programas universitários que incluam uma descrição desse profissional; (b) pesquisas na área da Psicologia Escolar para encorajar mudanças e discussões nos colegiados nacionais e internacionais; (c) disseminação das informações a respeito do campo de atuação do psicólogo escolar; (d) utilização das organizações profissionais para enfatizar a importância da profissão; (e)

formação e pesquisa em políticas públicas; e (f) ocupação dos psicólogos nos espaços consultivos e deliberativos das políticas públicas educacionais (Guzzo, Martinez, & Campos, 2007; Guzzo & Mezzalira, 2011; Guzzo, Mezzalira, & Moreira, 2012).

Na expectativa de um cenário pós-pandemia, é importante que as/os psicólogas/os escolares evidenciem os acúmulos de experiências deste período para a construção de uma educação emancipatória e transformadora, com vistas a relações sociais mais humanas e solidárias (Camargo & Carneiro, 2020).

De acordo com o estudo de Tito et al. (2021) apesar de haver controvérsias e discussões sobre o papel do psicólogo escolar, a abordagem psicanalítica convida o psicólogo a fazer a linguagem circular entre os envolvidos nesse contexto, pais, alunos, professores e fazer da escuta um lugar para compreensão, na qual o aluno pode ir e identificar um espaço reflexivo, de modo que possa retornar sempre que quiser.

No entanto, a crise do novo coronavírus terá consequências de longo prazo para o aprendizado, pois, como resultado do isolamento social, novos hábitos e comportamentos estão sendo desenvolvidos, tanto nas famílias quanto nas instituições de ensino, que estão revisando diversos processos, estruturas e metodologias (Cordeiro, 2020). Aprendemos que lidar com a imprevisibilidade exige trabalho em equipe e que, mesmo estando geograficamente distantes, podemos unir nossos esforços para alcançar um objetivo maior. Um exemplo é uma rede de educadores que se reuniram no mundo da internet para compartilhar atividades, experiências bem-sucedidas, fazer perguntas e aprender uns com os outros.

## 7 Considerações finais

Por muito tempo, é possível que os efeitos da pandemia perdurem no Brasil e se reflitam nas medidas quantitativas e qualitativas de morbidade, saúde, desemprego e desenvolvimento infantil, principalmente entre os menos afortunados.

A extensão em que as crianças estão expostas direta ou indiretamente por todas as situações que a pandemia trouxe ao mundo foi demonstrada neste estudo de revisão. Eles estão lidando com mudanças estruturais em suas vidas, como o isolamento social em que não veem seus amigos ou familiares; mudanças nas rotinas escolares sem a oportunidade de socialização, o que pode resultar em alterações de humor, sintomas de estresse pós-traumático, depressão ou ansiedade, segundo os autores.

A comunicação familiar tem um efeito amenizador sobre os medos e inseguranças que as crianças podem estar vivenciando. Como resultado, é fundamental que pais e cuidadores tomem consciência e compreendam que este é um processo delicado e inédito para esta época, tornando-se fundamental abrir as linhas de comunicação para que as crianças possam expressar seus sentimentos.

Ao atuar em instituições públicas de ensino, o psicólogo escolar deve ter uma visão crítica sobre as questões sociais, econômicas e políticas no Brasil, pois são esses elementos que sustentam a proposta pedagógica e, por isso, o psicólogo escolar deve ter uma visão crítica perspectiva sobre essas questões. No público educacional observa-se que a mudança no contexto escolar, com vistas à promoção do contexto de desenvolvimento, além de um planejamento de atividades pedagógicas e intervenções psicológicas, exige uma nova conjuntura política e econômica que priorize os serviços públicos de atendimento às crianças e adolescentes. É neste contexto que se pretende construir e consolidar como intervenção do psicólogo escolar.

As intervenções descritas neste artigo revelaram algumas possibilidades de atuação do psicólogo escolar na educação infantil. O procedimento inicial de mapeamento das crianças foi fundamental para compreender as crianças e refletir sobre suas histórias de vida. Foi possível desenvolver intervenções contextualizadas com educadores e famílias a partir desses dados. A atividade de mapeamento também permitiu a visualização e construção de uma rede municipal de defesa da criança, reunindo e conectando recursos públicos de defesa da criança, como o Conselho Tutelar, o Centro de Referência de Assistência Social e o Posto de Saúde. Uma equipe

psiquiátrica pode auxiliar no desenvolvimento de uma prática educativa forte, analisando as demandas feitas durante o Formação Docente e outros encontros.

Nesta perspectiva Braz-Aquino e Gomes (2016) esclareceram que as ações com os professores devem mobilizar espaços de diálogo e promover o compartilhamento das ações desenvolvidas nas escolas para pensar criticamente sobre as necessidades apontadas neste contexto.

Basicamente, ao longo desse período de pandemia se mostrou necessário a implantação de adaptações metodológicas algumas práticas que podem ser acompanhadas de maneira remota pelo professor. Como por exemplo: gravar aulas que priorizem histórias, músicas e brincadeiras. Essas aulas podem ser disponibilizadas por links ou enviadas por aplicativos de mensagens para os pais e responsáveis.

Outra necessidade é a orientação a família quanto ao uso de ferramentas tecnológicas a partir de intencionalidades educativas. Podendo também disponibilizar para os pais jogos simbólicos que auxiliam nas aprendizagens de números e letras.

Outro método de amenizar o isolamento social é sugerir atividades que integrem todos os membros da família, como a contação de histórias, por exemplo. Envolver inclusive o bichinho de estimação.

Em pesquisas futuras sugere-se avaliar o desenvolvimento cognitivo e trabalhar para compreender esses impactos nas crianças, essa evolução vem sendo prejudicada de maneira significativa pela necessidade de distanciamento social. Além de analisar os impactos na capacidade de aprendizagem e na socialização das crianças e identificar formas de minimizá-los, além de abordar a necessidade do profissional da psicologia.

Futuros estudos prospectivos-longitudinais, particularmente aqueles para a Matta, Rego, Souto & Segata (2021) e estudos intergeracionais, serão críticos para entender os impactos em vários aspectos do desenvolvimento de crianças expostas à pandemia de COVID-19. Isso é conhecido por ser um grande estressor que causa estragos no ambiente, principalmente em famílias vulneráveis com crianças que já vivenciaram um alto nível de adversidade.

Será necessário avaliar os efeitos na saúde física e mental, em conjunto com uma análise criteriosa do contexto de prestação de serviços de apoio educacional, de saúde, social e de cidadania durante a pandemia. A epidemia terminará, mas o desenvolvimento da criança continuará e deve ser protegido. Como resultado, será necessário avaliar o impacto da pandemia

no desenvolvimento das crianças e desenvolver medidas preventivas para mitigar os efeitos e consequências negativas.

Além disso, é fundamental que a sociedade esteja vigilante diante de qualquer suspeita de violência e tome as devidas providências em resposta às demandas legítimas, pois o direito à vida, à saúde e a condições de vida adequadas para o desenvolvimento da criança e de suas potencialidades é um direito humano fundamental que deve ser garantido por todos, conforme enfatizado nas recomendações.

## Referências

- Abed, A. L. Z. (2016). O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. *Construção psicopedagógica*, 24(25), 8-27.
- Abensur, E. N. (2021). A docência nos anos iniciais frente a pandemia do COVID-19. Cordeiro, K. M. D. A. (2020). *O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino*.
- Ali M.M, West K, Teich J.L, Lynch S, Mutter R & Dubenitz J. (2019). Utilização de serviços de saúde mental em ambiente educacional por adolescentes nos Estados Unidos. *J SchSaúde* .89(5):393-401.
- Almeida, I. L. D. L., Rego, J. F., Teixeira, A. C. G., & Moreira, M. R. (2021). Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. *Revista Paulista de Pediatria*, 40.
- Andrade, L. B. P. de. (2010). *Educação Infantil: discurso, legislação e práticas institucionais*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Angoti, M. (Org.), Educação infantil: Para quê, para quem e por quê? Campinas: editora Alínea, 2006.
- Araújo, L. C. (2020). Artigo - Jogos Como Recursos Didáticos Na Alfabetização: o que dizem e fazem as professoras. Educação em Revista, [S.L.], v. 36, n. -, p. 1-23. FapUNIFESP (SciELO).
- Ausubel, D. P. (1982). A aprendizagem significativa. *São Paulo: Moraes*.
- Aydogdu, A. L. F. (2020). Saúde mental das crianças durante a pandemia causada pelo novo coronavírus: revisão integrativa/Children's mental health during the pandemic caused by the new coronavirus: integrative review/Salud mental de los niños durante la pandemia causada por el nuevo coronavirus: revisión integradora. *Journal health npeps*, 5(2).
- Barbosa, M. C. S. (2009). *Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil*. Práticas cotidianas na educação infantil–bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília.
- Beleboni, A. B. S. (2001). Qual é o papel da escola frente às dificuldades de aprendizagem de seus alunos. São Paulo.
- Biolini, L. R. (2021). Os reflexos negativos do isolamento social na saúde mental infantojuvenil.
- Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES/Fiocruz). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Recomendações para Gestores*. Brasília,

2020b.

- Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. (1998) Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. Ministério da Educação. *Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular*. (2017). Brasília, DF, Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 20 de maio de 2020.
- Brasil. Ministério da Saúde. *Protocolo de manejo clínico para o novo-coronavírus (2019-nCoV)*. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/11/protocolo-manejo-coronavirus.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2020.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Departamento de Atenção Básica. Saúde mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas*. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019.
- Braz-Aquino, F. D. S., & Gomes, A. R. (2016). Estágio em psicologia escolar: apontamentos sobre a formação e atuação profissional. *Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educativos*, 141-157.
- Brites, L. (2020). *Brincar é fundamental: como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância*. Editora Gente.
- Buss, P. M., Alcázar, S., & Galvão, L. A. (2020). Pandemia pela Covid-19 multilateralismo: reflexões a meio do caminho. *Estudos Avançados*, 34, 45-64.
- Calderan, A., & Calderan, A. M. (2020). EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: a (in) visibilidade da Infância na realização do Ensino Remoto na Educação Infantil. *IPÊ ROXO*, 2(1).
- Camargo, N. C., & Carneiro, P. B. (2020). Potências e desafios da atuação em Psicologia Escolar na pandemia de Covid-19. *Cadernos de Psicologias, Curitiba*, (1).
- Campos, S., Pessoa, V. I. F., Geraldi, C. M. G., Fiorentini, D., & Pereira, E. M. A. (1998). *Cartografias do trabalho docente: professor (a)-pesquisador (a)*. São Paulo: Mercado das Letras.
- Cani, J. B., Sandrini, E. G. C., Soares, G. M., & Scalzer, K. (2020). Educação e covid-19: a arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas TDIC. *Revista Ifes Ciência*, 6(1), 23-39.
- Canivez, P. (1991). *Educar o cidadão?* São Paulo: Papirus.

- Carvalho, A. M., Salles, F., & Guimarães, M. (2002). *Desenvolvimento e aprendizagem* (Vol. 3). Editora UFMG.
- Cerisara, A. B. (2002). O referencial curricular nacional para a educação infantil no contexto das reformas. *Educação & Sociedade*, 23(80), 329-348.
- Chen Y, Liu Q, Guo D. (2020); Emerging coronaviruses: Genome structure, replication, and pathogenesis. *J Med Virol*. 92(4):418–23.
- Craveiro, C. B. A., & Medeiros, S. (2013). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão*.
- Croda, J. H. R & Garcia, L. P. (2020); Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, [S.L.], v. 29, n. 1, p. 1-7, mar. 2020. FapUNIFESP (SciELO).
- Côco, V., de Andrade Vieira, M. N., & de Fátima Giesen, K. (2019). Docência na educação infantil: desafios e perspectivas da formação inicial em pedagogia. *Momento-Diálogos em Educação*, 28(1), 417-435.
- Costa, A. C. A. (2022). IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O TRATAMENTO DOS PROBLEMAS DE SAÚDE MENTAL DECORRENTES DA PANDEMIA DO COVID-19. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(1), 1287-1301.
- Cordeiro, K. M. D. A. (2020). O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino.
- Demo, P. (1987). *Introdução ao ensino da metodologia da ciência*. 2.ed. São Paulo: Atlas.
- Demo, P. (2018). *Atividades de aprendizagem: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante*. Campo Grande: *Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul–SED/MS*
- Duan, L & Zhu, G. (2020). Psychological interventions for people affected by the COVID-19 epidemic. *The Lancet Psychiatry*, v. 7, n. 4, p. 300-302.
- Economia, Ministério da. Ministério da Economia divulga lista dos setores mais afetados pela pandemia da Covid-19 no Brasil. (2020). Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2020/setembro/ministerio-da-economia-divulga-lista-dos-setores-mais-afetados-pela-pandemia-da-covid-19-no-brasil#:~:text=7%20%2D%20Servi%C3%A7os%20de%20alimenta%C3%A7%C3%A3o%3B,de%20ve%C3%ADculos%2C%20pe%C3%A7as%20e%20motocicletas..> Acesso em 17 out. 2021.
- Ferreira, A. L., & Acioly-Régnier, N. M. (2010). Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. *Educar em Revista*, (36), 21-38.
- Freire, P. (1998). *Professora, sim tia, não: cartas a quem ousar ensinar*. São Paulo: Olho d'água.



- Freitas, I. A. (2011). *Família e Escola: A Parceria Necessária na Educação Infantil*. Presidente
- Gauy, F. V., & da Rocha, M. M. (2014). Manifestação clínica, modelos de classificação e fatores de risco/proteção para psicopatologias na infância e adolescência. *Temas em Psicologia*, 22(4), 783-793.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (p. 17). São Paulo: Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, 35(2), 57-63.
- Golberstein, E., Wen, H., & Miller, BF (2020). Doença de coronavírus 2019 (COVID-19) e saúde mental para crianças e adolescentes. *JAMA Pediatrics* , 174 (9), 819-820.
- Guzzo, R. S. L. (2005). Escola amordaçada: compromisso do psicólogo com este contexto. In A. M. Martínez (Eds.) *Psicologia Escolar e compromisso social: novos discursos, novas práticas*. (pp. 17-29). Campinas, SP: Alínea.
- Guzzo, R. S. L., & Marinho-Araujo, C. M. (2011). Psicologia escolar: identificando e superando barreiras. *Campinas, SP: Alínea*.
- Guzzo, R. S. L., Martinez, A. M., & Campos, H. R. (2007). School Psychology in Brazil. In S. R. Jimerson, T. D. Oakland & P. T. Farrell (Eds.). *The Handbook of International School Psychology*. (pp. 29-37). California: Sage Publications.
- Guzzo, R. S. L., Mezzalira, A. S. C., & Moreira, A. P. (2014). Desafios, ameaças e compromissos para os psicólogos: as políticas públicas no campo educativo. In I. F. Oliveira & O. H. Yamamoto (Eds.) *Psicologia e políticas sociais: temas em debate*. (pp. 215-238). Belém, PA: Ed. UFPA.
- Guzzo, R. S. L., Mezzalira, A. S. C., & Moreira, A. P. G. (2012). Psicólogo na rede pública de Educação: embates dentro e fora da própria profissão. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(2), 329-338.
- Holmes, EA, O'Connor, RC, Perry, VH, Tracey, I., Wessely, S., Arseneault, L., ... & Bullmore, E. (2020). Prioridades de pesquisa multidisciplinar para a pandemia de COVID-19: um apelo à ação para a ciência da saúde mental. *The Lancet Psychiatry* , 7 (6), 547-560.
- IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua -PNAD Contínua 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf)
- Jiao, WY, Wang, LN, Liu, J., Fang, SF, Jiao, FY, Pettoello-Mantovani, M., & Somekh, E. (2020). Transtornos comportamentais e emocionais em crianças durante a epidemia de COVID-19. *The Journal of pediatrics* , 221 , 264.
- Júnior, P. G. F., Paiano, R., & dos Santos Costa, A. (2020). Isolamento social: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 25, 1-2.

- Kauark F.S & Silva V.A.S. (2008). Dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental e ações psico & pedagógicas. *Rev. Psicopedagogia*;25(78):264-270.
- Keeley, B. (2021). *Situação Mundial da Infância 2021: Em Minha Mente – Promovendo, Protegendo e Cuidando da Saúde Mental Infantil*. UNICEF. 3 United Nations Plaza, Nova York, NY 10017.
- Kishimoto, T. M. (2010). *Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais* Belo Horizonte.
- Kramer,S. (1987): *A política do pré-escolar no Brasil: Arte do disfarce*. 3ed. Dois Pontos. Rio de Janeiro.
- Kuczynski, E. (2014). Suicídio na infância e adolescência. *Psicologia Usp*, 25, 246-252.
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)
- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Recuperado de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>
- Lima, C. M. A. D. O. (2020). Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). *Radiologia Brasileira*, 53, V-VI.
- Lima, L. N. G. C; De Sousa, M. S & Lima, K. V. B. (2020). As descobertas genômicas do SARS-CoV-2 e suas implicações na pandemia de COVID-19. *Journal of Health & Biological Sciences*, v. 8, n. 1, p. 1-9.
- Lima, R. C. (2020). Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30.
- Lima, R. F. D., Salgado, C. A., & Ciasca, S. M. (2011). Associação da dislexia do desenvolvimento com comorbidade emocional: um estudo de caso. *Revista CEFAC*, 13(4), 756-762.
- Lima, S. O., da Silva, M. A., Santos, M. L. D., Moura, A. M. M., Sales, L. G. D., de Menezes, L. H. S., ... & de Jesus, C. V. F. (2020). Impactos no comportamento e na saúde mental de grupos vulneráveis em época de enfrentamento da infecção COVID-19: revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (46), e4006-e4006.
- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37.
- Lipari RN, Hedden S, Blau G, Rubenstein L. *Uso de Serviços de Saúde Mental para Adolescentes e Razões para Usar Serviços em Ambientes de Especialidade, Educação e Medicina Geral: o Relatório CBHSQ*. de Estatística e Qualidade de Saúde

- Comportamental, Abuso de Substâncias e Administração de Serviços de Saúde Mental; 2016.
- Lopes, J. R., Abreu, M. C. M., & Mattos, M. C. E. (2010). Caderno do educador: alfabetização e letramento. Ministério da Educação, *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*, Brasília.
- Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37.
- Maio, E. R., Oliveira, M., & Peixoto, R. (2018). Formação em gênero e educação para a sexualidade: considerações acerca do papel da escola. *Revista Nupem*, 10(20), 51-62.
- Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P., & Segata, J. (2021). Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia.
- Marinho, H. R. B., Matos, M. A. Jr., Salles, N. A. Filho & Finck, S. C. M. (2007). *Pedagogia do movimento universo lúdico e psicomotricidade*. 2. ed. Curitiba: IBPEX.
- Marinho-Araujo, C. M. (2014). Intervenção institucional: ampliação crítica e política da atuação em Psicologia Escolar. *Psicologia escolar: Desafios e bastidores na educação pública*, 153-175.
- Marinho-Araújo, C. M., & Almeida, S.F.C. (2005). Recriando identidades, desenvolvendo competências. In A. M. Martinez (Eds.). *Psicologia escolar e compromisso social* (pp. 243- 259). Campinas, SP: Alínea
- Massa, M. S. (2015). *Ludicidade: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito APRENDER* – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. Vitória da Conquista. Ano IX n. 15. p.111-130.
- Miranda, K. D. O., Lima, A. D. S., Oliveira, V. D., & Telles, C. D. S. (2020). Aulas remotas em tempo de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos. *Anais VII CONEDU-Edição Online. Maceió-AL*.
- Mizukami, M. G. (1986); *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU.
- Moreira, A.F. (2000). *O campo do currículo no Brasil: os anos noventa*. In: \_\_. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1961. 2000. Disponível em: <http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>> Acesso em 20 out. 2021.
- Moreira, J. A., & Schlemmer, E. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. *Revista uFG*, 20(26).
- Moreno, G. L. (2007). *Trabalho pedagógico na educação infantil*. Organização do trabalho pedagógico na instituição de educação infantil. Org. Paschoal, J. D. Londrina.
- Oliveira, M. K de. (1997). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-*

*histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione.

- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Unesco. *Disrupção educacional e resposta Covid-19*. 2020a. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/> Acesso em 20 out. 2021.
- Palú, J., Schütz, JA, & Mayer, L. (2020). Desafios da educação em tempos de pandemia. *Cruz Alta: Ilustração*, 324.
- Pasini, C. G. D., Carvalho, E. D., & Almeida, L. H. C. (2020). A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. *Observatório Socioeconômico da COVID-19 (OSE)*, 9.
- Pereira, M. D., de Oliveira, L. C., Costa, C. F. T., de Oliveira Bezerra, C. M., Pereira, M. D., dos Santos, C. K. A., & Dantas, E. H. M. (2020). A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9(7), e652974548-e652974548.
- Raj, V. S., Mou, H., Smits, S. L., Dekkers, D. H., Müller, M. A., Dijkman, R., ... & Haagmans, B. L. (2013). Dipeptidyl peptidase 4 is a functional receptor for the emerging human coronavirus-EMC. *Nature*, 495(7440), 251-254.
- Reis-Filho, J. A., & Quinto, D. (2020). *COVID-19, social isolation, artisanal fishery and food security: How these issues are related and how important is the sovereignty of fishing workers in the face of the dystopian scenario*. SciELO Preprints, 1–26. doi: <https://doi.org/10.1590/scielopreprints.54>.
- Ren L-L, et al. (2020). *Identification of a novel coronavirus causing severe pneumonia in human*. *Chin Med J*. 1(2):1-8
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- Roeser, R. W., & Eccles, J. S. (2000). Schooling and mental health. In A. J. Sameroff, M. Lewis, & S. M. Miller (Orgs.), *Handbook of developmental psychopathology* (pp. 135-156). Nova York: Kluwer; Plenum.
- Rozemberg, L., Avanci, J., Schenker, M., & Pires, T. (2014). Resiliência, gênero e família na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19, 673-684.
- Sá, C. D. S. C. D., Pombo, A., Luz, C., Rodrigues, L. P., & Cordovil, R. (2020). Distanciamento social covid-19 no Brasil: efeitos sobre a rotina de atividade física de famílias com crianças. *Revista Paulista de Pediatria*, 39.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 22, 33-41.
- Santos, A. C. J. (2020). A concepção de ludicidade no ciclo alfabetizador: o que diz a base nacional comum curricular e o currículo base do território catarinense. *Pedagogia-Tubarão*. Demo, P. (2018).

- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). *Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)*. SciELO Preprints, 1(1), 1–26.
- Schmidt, P. (1998). A classificação da contabilidade dentre os ramos do conhecimento humano. *Caderno de Estudos*, (17), 01-17.
- Sierra, V. M., & Mesquita, W. A. (2006). Vulnerabilidades e fatores de risco na vida de crianças e adolescentes. *São Paulo em perspectiva*, 20(1), 148-155.
- Silva Filho, O. C. D. (2019). *Percepção e conhecimento de médicos residentes em pediatria no Rio de Janeiro sobre comportamento suicida na infância e na adolescência* (Doctoral dissertation).
- Silva Sena, S. S., & de Souza, L. K. (2010). Amizade, infância e TDAH. *Contextos Clínicos*, 3(1), 18-28.,
- Silva, B. S., da Fonseca, P. I. M. N., & da Silva, P. D. (2021). As emoções à flor da pele e seus possíveis manejos na pandemia da COVID-19. *Research, Society and Development*, 10(10), e12101018434-e12101018434.
- Silva, E. F., Teixeira, R. D. C. P., & Hallberg, S. C. M. (2018). Prevalência de depressão na adolescência: uma consulta a prontuários de uma clínica-escola em Porto Alegre. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 20(3), 17-29.
- Silva, L. G. M., & Ferreira, T. J. (2014). O papel da escola e suas demandas sociais. *Projeção e docência*, 5(2), 06-23.
- Social, F. P. E. (1998). Referencial curricular nacional para a educação infantil. Sociedade Brasileira de Pediatria. SBP atualiza recomendações sobre saúde de crianças e adolescentes na era digital. Rio de Janeiro.
- Souza, F. (2010). Suicídio: dimensão do problema e o que fazer. *Psiquiatria Hoje* 2(5), 6-8.
- Souza, L. C. (2016). A TIC na Educação: uma grande aliada no aumento da aprendizagem no Brasil. *Revista Eixo*, 5(1).
- Tezani, T. C. R. (2006). O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos. *Educação em revista*, 7(1-2), 1-16.
- Tito, D. D. S. F., de Oliveira Gonçalves, S., & da Silva Moreira, T. A. (2021). “Desafios do psicólogo (a) escolar na pandemia x versus habilidades sociais”” Challenges of the school psychologist in the pandemic versus social skills. *Brazilian Journal of Development*, 7(12), 116929-116942.
- Unesco. (1994). Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). *Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais*. Brasília: CORDE.

- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2020). A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19.
- Unesco. Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, Tailândia: UNESCO, 1990.
- Uzunian, A. (2020) *Coronavírus SARS-CoV-2 e Covid-19*. 2020.
- Velavan, T. P & Meyer, C. G. (2020). *The COVID-19 epidemic*. Trop Med Int Heal.;25(3):278–80.
- Vygotsky, L. S. (1989). *A formação social da mente* São Paulo: Martins Fontes.
- Xavier, A. R., Silva, J. S., Almeida, J. P. C., Conceição, J. F. F., Lacerda, G. S., & Kanaan, S. (2020). COVID-19: manifestações clínicas e laboratoriais na infecção pelo novo coronavírus. *Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial*, 56.
- Wang, G., Zhang, Y., Zhao, J., Zhang, J., & Jiang, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. *The Lancet*, 395(10228), 945-947.
- World Health Organization (2019). Q&A on coronaviruses (COVID-19). Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-andanswers-hub/q-a-detail/q-a-coronaviruses>. Acesso em 13 out. 2021.
- World Health Organization (2020). *Statement on the second meeting of the international health regulations* (2020) emergency committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV). Disponível em: [https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/news-room/detail/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov)). Acesso em 15 out. 2021.
- Yi, Y., Lagniton, PN, Ye, S., Li, E., & Xu, RH (2020). COVID-19: o que foi aprendido e o que aprender sobre a doença do novo coronavírus. *Revista Internacional de Ciências Biológicas* , 16 (10), 1753.
- Zimmermann, P., & Curtis, N. (2020). Coronavirus infections in children including COVID-19: an overview of the epidemiology, clinical features, diagnosis, treatment and prevention options in children. *Pediatric Infectious Disease Journal*, 39, 355-368.